

do lençol, e Helena rodando o tambor, com os olhos ora na porta ora na janela que dava para a praia. «Nunca tinha visto um revólver?» — perguntou. «Têm várias vantagens sobre a pistola — não encrava, e roda. Porque roda, o tiro sempre parte, e no entanto, precisamente porque roda, permite o tiro intermitente. Repare como o tambor pode não ter as balas todas!» — Helena esfregou a arma na dobra do lençol e começou a explicar o funcionamento dum revólver sobre a pequena *Smith & Wesson* que mantinha na mão. «Mas para quê um tiro de revólver no *Stella*, se o tiro de revólver é um tiro curto? Devem ser os da gincana para amedrontar as pessoas! Estava tudo em tão grande silêncio para se ouvir assim?» — Helena embrulhou a pequena arma no mesmo pano donde a tinha retirado. Percebia-se que poderia fechar-se ali a sabedoria de Helena sobre armas, se por acaso fosse guardada a *Smith & Wesson*. Travei-lhe a mão.

«Não a tinha naquela dia em que fomos lá àquela praia para matar o passaredo todo. Pois não?»

«Não, acho que não tinha» — Helena levantou-se para guardar a pequena arma de tambor junto das outras. Todas, embrulhadas, encham o gavetão. Fico a ver — a sua curiosidade é igual à minha. Ela volta, receio que não fale, que se arrependa, que se tranque no último instante. Trancar-se-á? A sua curiosidade é igual à minha, só que você está longe, não pode passar-lhe a mão pela testa, nem beijar-lhe o cabelo. Eu pude. Evita pôde. Como sabe, eu fui Evita — um nome que parece frágil se associado à inocência. Evita contudo já tinha pêlo vermelho, sua barbicha de bode. Estendeu-lhe a mão.

Helena prepara-se, segura-se à minha mão, encosta o molho dos caracóis espigados no meu ombro. Solta o choro. Até o seu choro tem alguma coisa de pomba que não porá ovos. Uma pomba real que se sacode. Só o seu desgosto é genuinamente importante. Cai da cara dela uma torrente de lágrimas. Sei que vai chorar alguém que é só a sua pessoa. Não tenho dúvida que a pessoa chorada é

ela mesma perdida no reflexo que teve em alguém. Já diz que um homem bom morreu por sua culpa. O que quer dizer é que um homem importante morreu pela beleza dela. Não sei se era importante, entre os soluços de Helena que perdeu o controlo da porta e da janela, sei que era despachante. Mas para Helena mais significativo do que ter sido despachante é não ser capaz de o descrever. Eu não quero que descreva, quero que diga o resto, tudo o que fica para além da descrição do que sem dúvida, na voz de Helena, foi o grande amor da sua vida. Claro que foi — já o diz entre o choro. Percebo sobre a cama que Helena agita e molha que vai falar dum terramoto acontecido na sua vida, ali, naquela costa. Nada terá de original. Todas as pessoas, mesmo as mais serenas, mesmo as que se comportam na vida como vinhas, guardam na memória o momento dum terramoto de que contam pormenores como se tivessem acontecido ontem, ao atravessarem a rua. Claro que Helena tem vários lenços, assoa-se, limpa-se, explica sobre a minha mão que também limpa que o despachante era um homem bom, era um homem que a amava e ela sabia que a amava porque ele a via. Ora Helena desejava ser amada pelos olhos duma pessoa que não só a visse como fosse capaz de dizer que a via. Isto é — Helena guardava a verdadeira definição do amor. Ele era um homem que a entendia e lhe elogiava cada osso, cada músculo, cada forma do seu corpo em movimento. Tinha às vezes a impressão de que não era um homem mas uma voz de homem. Lembrava-se dele, da última vez que lhe tinha ouvido a voz. Depois Helena, que se mantinha renovando o choro para cima da cama, falava de intensas banalidades — como tinha conhecido o Jaime, ingénua como perua, como tinha andado no colégio das Irmãs, como tinha e como tinha... Essa era a arqueologia que Helena poderia omitir. Não omitia, mas logo lhe pus a questão relevante. Helena estava a dizer que ela e o despachante tinham obviamente pensado fugir.

«E o Jaime?»

«Comprou os mainatos. Ninguém me tira da cabeça que não foi obra dos mainatos!» — Tinha começado, no

entanto, por ser o dia mais feliz da sua vida. Sentia-se boa, magra, leve, havia passado pelo apartamento do despachante. Mas quando havia voltado, tinha metido a chave à fechadura, entrado naturalmente, dado ordens ao pessoal, naturalmente, e havia vindo também naturalmente até ali, àquele quarto onde nos encontrávamos — Helena olhou, cheia de medo, para as paredes do quarto. E depois tinha-se despido e metido no duche, e deixado as roupas soltas, espalhadas por ali. Não se lembrava do que pensara no duche, mas devia ser alguma coisa de intensamente agradável porque se lembrava de que tinha cantado debaixo da água que corria. Ao sair do quarto de banho, ainda cantava. Mas olhou para o chão e não encontrou a roupa que havia deixado ali. «Ali, aos pés da cama» — disse ela, sem lágrima nenhuma, com estupefacção, a olhar para o local onde havia deixado a roupa. Tinha-se posto a olhar à volta, e tinha visto pela porta do guarda-fato, semi-aberta, o cano da *Armlite* apontado pela frincha. O Jaime tinha saltado de dentro do armário, curvado, com o cano à volta, a roupa interior marcada pela passagem do despachante, suspensa da mão, e tinha-lhe colocado a espingarda entre os olhos. O buraco frio, redondo, oco, pesado, entre os olhos. O Jaime queria o nome. A princípio acho que me queria matar, mas depois queria só o nome. «Dei o nome, Deus sabe que dei o nome!» — disse Helena, cheia de medo. O pombo da sua vida encolhido sob as patas. O Jaime mandara abrir as portas de toda a casa. Escancarava mesmo as que nunca haviam sido abertas, e voltava ao quarto — «Se quiseres, sai». Ora eu devia ter saído, mas não era capaz de me mover daqui, enquanto as portas batiam. Os mainatos ficaram encarregados de deixar as portas abertas. Anoi-teceu e a casa de portas abertas, janelas abertas, sem uma luz acesa. Até que o Jaime voltou com dois capangas. Era de madrugada e o Jaime acendeu poucas luzes. Os dois capangas seguravam junto à garagem o despachante sem os dentes. A cara estava literalmente deformada, o despachante reconhecia-se apenas pelo cabelo que era comprido. O Jaime pegou no revólver e fomos le-

vados ambos diante do revólver para a casa das alfaias, atrás da garagem. O Jaime disse para o despachante — «Um de nós está a mais!» O Jaime tem o sentido da realidade. «É o acaso que vai decidir! Sou ou não sou uma pessoa de honra? Quem o acaso escolher deve ficar com ela!» — Os capangas prepararam o *Smith*, um deles jogou o acaso fazendo girar a arma, e eu percebi que tudo estava correcto e que era a sério, que o Jaime era de facto um homem de honra. Não duvido que o revólver estivesse bem preparado. Entregaram-no ao amante sem dentes. A boca dele tinha inchado até aos olhos e cuspiam cor-de-rosa. Estava de cócoras, cuspiendo, e olhava-me de vez em quando espantado. Ah, o espanto dele era uma acusação sem medida! Deus sabe que eu não conseguia olhar para ele. Sobre-tudo porque eu percebia que a sorte não estava do seu lado. A madrugada estava contra o despachante e eu sentia-o. Ele colocou o *Smith & Wesson* junto à testa e premiu. Não disparou. O meu amante suspirou como se estivesse salvo. Passaram a arma ao Jaime. O Jaime colocou sob o queixo, lá na casa das alfaias. Premiu, não disparou — disse Helena. Helena de Tróia tinha a cara escondida sob os cabelos. A voz saía debaixo deles, como o estrebuchar da pomba. Não vale a pena espreitar a pomba. Tudo é previsível, deixe chorar. Chora, chora. Como é bom o choro, as lágrimas do choro têm uma força motriz que nenhum rio tem — arrancam, levam, conduzem os sedimentos, pousam-nos nos locais exactos, colocam-nos nas margens da consciência, nos pegos da memória, criam sebes, conduzem o caudal para sítios que as lágrimas querem, que as lágrimas sabem. Helena fará destas lágrimas o tapete de verdura onde há-de rebolar-se com o seu novo amor. Se entretanto o capitão não usar o revólver duma outra forma, e não mandar o barco descarregar a carga com uma outra pessoa. Mas agora as suas lágrimas são sinceras. Helena chora-as e elas escorregam até ao colo. É preciso perguntar.

«E depois?»

Depois os capangas meteram o despachante no nosso bote a motor, e foram despejá-lo no mar. Regressaram com

o bote vazio, ainda antes de o Sol nascer. Passados três dias, metade do despachante deu à costa, longe daqui, tão delido que nem se soube que tinha sido baleado. Ninguém tinha dado pela falta do despachante. Só os intervenientes conheceram a verdade. O despachante espalhado pelo mar.

Helena chegou ao fim? Chegou. Tem uma memória boa, o seu rosto chorou bem. Por isso você pode colocá-la com os olhos inchados regressando aos braços de Forza Leal, no terraço de *Stella Maris*. Pode colocá-la com os olhos tão vermelhos quanto o cabelo sem receio de falsear nem a memória nem a realidade. Pode ser ela também a entregar a arma ao noivo. Mas aí, porque já passou alguma parte da noite, e os gafanhotos já encheram de verde a atmosfera da costa, Helena terá retomado as suas pestanas, as suas unhas e os seus vestidos. Na realidade, ela chorava sobre a cama.

Não, não regresse já à conferência que teve lugar no salão do *Stella*. Entretanto o jornalista não deixou de existir, e pôde surpreender uma pessoa debaixo das mangueiras. Ele é cuidadoso, ele sabe das histórias que não são publicadas mas são conhecidas. Ele sabe que há quem faça roleta com revólveres, e outras coisas mais, e deite longe, ao mar, as pessoas abatidas. A vegetação dos mangais constitui uma sepultura romântica e natural. Ele sabe que tem oito filhos, toma precauções, espera sob as mangueiras. Mas ao contrário do último dia, o jornalista está triste. Detesta África onde as enzimas e as bactérias acendem a reprodução em estufa e se expandem à velocidade da luz. As pessoas nascem mais, morrem mais, e a história natural é trágica e nunca é escrita. E para quê ser escrita se não tem remédio? É preciso o jornalista estar em baixo para não acreditar na escrita. Sim, está em baixo e quer abandonar África. Pergunta quando Evita deixa África. Naquele dia ele está derrotado, tem a camisa recentemente comprada bem suja. Evita lembra aquela garota quase branca, a que segurava o irmão mais novo, lá na casa das poças? Tem tifo e vai morrer. Dizem que não, mas ele sabe que vai

morrer. E Evita lembra a negrinha de blusa azul-fosforescente? Esqueceu de tomar a pílula, esqueceu o mês, vai ter o quinto filho para viver lá, naquela varanda. Nunca foi tão sucinto, o jornalista. Mas porque se agita? Acaso não desempatei?

«Sim, sim, perversidade, desempatei» — disse, com as duas mãos no volante do carro parado. É escusado insistir, o jornalista não chega a sair da ralura das mangueiras.

Esta é a última vez que vejo o hotel *Stella Maris*. Se ninguém mais voltar a mostrar-me uma narrativa sobre esse tempo, se nunca mais evocar esta lembrança à luz duma lâmpada ocasional como a sua, o *Stella* inteiro, iluminado à beira do Índico, que foi de vidro, areia e cal, acabará aqui. O seu pequeno fulgor, que eu penso existir ainda dentro da cabeça de cem, duzentas pessoas vivas, brilhando com a intensidade com que nesta hora brilha na minha cabeça, acendido pela sua lâmpada — disse Eva Lopo — acabará à medida que as pessoas se forem deitando nas marquesas e os médicos forem dizendo, com seus terríveis assentos de morte, condenado. E assim, o *Stella*, que não é outra coisa mais do que esse breve fulgor que estoura de ano a ano, de biénio em biénio, a propósito dum cheiro ou duma carta, será enterrado pouco a pouco, aos pedaços, à medida que a geração que o viu suspire e acabe. E pronto — mas hoje, pela força dessa evocação verdadeira, ainda brilha, ainda está todo iluminado, ao cair de noite, morna como o dia. O jornalista contou-lhe. De outra forma, como poderia ter imaginado com tanta precisão a sua chuva?

Gente que nunca vi antes enche o patamar e o hall, e dentro, a porta do salão está aberta, como se tivesse sido franqueada para se ver, da luz do hall, uma cópia da *Invincível Armada* em luta contra a sagaz flotilha de Drake. O fumo que envolve a armada invencível enche o quadro até à talha. As cadeiras estão postas como ouvintes. As paredes têm as janelas cobertas por veludos verdes, agarrados